

# Byron e os românticos brasileiros

Solange Ribeiro de Oliveira\*

## Resumo

Analisando os laços intertextuais entre a poesia de Byron e a dos românticos brasileiros, o texto destaca a criação de Álvares de Azevedo, cuja dualidade temática e estilística revela nele o mais byrônico de nossos poetas. Por outro lado, o artigo enfatiza os contrastes entre a obra do autor britânico e a poesia nacional em seus aspectos libertários e sociais.

Palavras-chave: Byron; Poesia romântica brasileira; Álvares de Azevedo; Romantismo e temas sociais.

What helps it now, that Byron bore,  
With haughty scorn which mocked the smart  
Through Europe to the Aeolian shore  
The pageant of his bleeding heart?  
That thousands counted every groan  
And Europe made his woe her own?  
( Matthew Arnold, “Stanzas from the Grande  
Chartreuse”,1855)

Os versos de Matthew Arnold, compostos há quase dois séculos, ecoam ainda na historiografia literária. A observação do crítico inglês sobre o empalidecer da imagem de Byron no cenário literário da época antecipa o julgamento de gerações futuras, renunciando as grandes mudanças na fortuna crítica do poeta inglês. Sua obra é hoje mais apreciada pelo realismo satírico dos três grandes poemas classicizantes de sua maturidade – “Beppo , A Venetian Story” (1818), “Don Juan” (1819-24) e “The Vision of Judgment” (1820) – do que pelas criações marcadas pela efusão emotiva que, de imediato, associamos com o byronismo. Entretanto, foi como arquetípica imagem romântica, a sombria e egocêntrica

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

persona de seu poema autobiográfico “Childe Harold’s Pilgrimage” (1812-18), que a personalidade e a obra do poeta britânico empolgaram a imaginação da Europa e, posteriormente, contaminaram as literaturas ditas periféricas, herdeiras de tradições metropolitanas. É a essa entidade literária que se reportam os versos de Matthew Arnold, citados na epígrafe: a vida e a obra de George Gordon Noel, sexto lorde Byron (1788-1824), constituíram realmente um sensacional espetáculo. Como seu próprio e maior encenador, Byron o arrastou pelo vasto palco da Europa. Incontáveis espectadores sucumbiram a seu magnetismo. Os ecos do byronismo reverberaram em inúmeros poetas europeus, especialmente, entre os franceses Lamartine, Vigny e Musset. Para todos, a obra de Byron projetou, como seu grande protagonista, o próprio autor, e a imagem de seu coração dilacerado. Reais ou imaginárias, trespassadas por epidêmicas enfermidades românticas \_ sentimentalismo, auto-piedade, hiper-individualismo, tédio, melancolia, rebeldia \_ suas dores permearam o texto e a figura do poeta e do homem. Geminados, esses traços contribuíram para a criação do herói byroniano, autoconstrução literária e histórica tão importante quanto a própria obra. Nas palavras de Bertrand Russell, “o herói byroniano, confundindo-se com a figura de Napoleão, é uma das fontes do conceito nietzschiano de super-homem, e chega a influenciar a formação do nacionalismo germânico” (BRITTO, 1989, p. 7). No plano pessoal, como assinala a epígrafe acima, um imenso público leitor contava cada um dos gemidos do poeta. Sem quase distinguir entre o autor empírico e o implícito, empenhava-se em admirar e emular a trajetória teatralizada pelo homem e sua criação.

Tanto em seu teatral exibicionismo, como em seus valores autênticos, a obra e persona byronicas ultrapassaram espetacularmente as fronteiras europeias. No cenário do romantismo brasileiro, entre as que evocam a figura e a criação byroniana, sobressai, principalmente pela ambiguidade estilística, a obra de Álvares de Azevedo. Diversamente de seus compatriotas, esse poeta não ignorou um traço essencial à obra do precursor britânico, a saber, sua duplicidade estilística, que oscila entre a extrema emotividade do hiper-romântico e o sarcasmo acerbo de um Byron cômico-satírico, herdeiro do neo-classicismo inglês. É essa duplicidade, evidente no texto do poeta paulista, que justifica considerar Álvares de Azevedo o mais byronico de nossos românticos.

Evidentemente, não se desconhecem as diferenças entre esse e os demais românticos brasileiros e seu antecessor europeu. Explicam-nas o hiato temporal e o contexto cultural radicalmente diverso. Convencionalmente, a historiografia literária aponta o ano da morte de Byron – 1824 – como marco final do romantismo inglês, enquanto só doze anos depois, em 1836, Gonçalves de Magalhães publica

**Suspiros poéticos e saudades**, associado ao nascimento do romantismo no Brasil. Nesse sentido, soa emblemático o título de Gonçalves Magalhães. Seus “suspiros” não deixam de lembrar os “gemidos” byronicos. Ao mesmo tempo, os distintos matizes semânticos das duas palavras sugerem distância entre a poesia brasileira e a inglesa, dado relevante para o estudo da influência de Byron sobre os nossos poetas.

Tropeço, assim, no melindroso termo “influência”, que marcou os vagidos iniciais da Literatura Comparada em nosso país, e contra o qual tanto nos têm alertado os teóricos da Literatura. Comentando o que ele denomina nosso “ânimo comparatista” e a abundância de epígrafes de autores estrangeiros na obra de românticos brasileiros, Antonio Candido destaca, em nossos primeiros críticos, uma especial volúpia na denúncia de influências e plágios, sintomática da tendência a caracterizar e avaliar os escritores nacionais relacionando-os com autores estrangeiros. (CANDIDO, 1994, p. 212). Não é demais lembrar que, pelo contrário, os atuais comparatistas, em vez de analogias e influências, privilegiam, no texto literário, diferenças e interações, bem como os processos dinâmicos de produção e recepção. Reconhecem o óbvio: as inevitáveis transformações operadas em textos-fonte bem como o contexto sócio-cultural cambiante propiciam o nascimento do novo e alteram constantemente a recepção do antigo.

Nesse quadro referencial, o estudo do laço intertextual entre Byron e os românticos brasileiros implica elementos diversos, que incluem empatias e escolhas de precursores. Antecipando minhas conclusões, adianto que, lidas lado a lado, a poesia byrônica e a dos românticos brasileiros lembram uma rede polifônica, entremeada de vozes ora convergentes ora dissonantes, sem nunca excluir, em suas semelhanças, diferenças significativas.

As pegadas byronianas mais óbvias em nossa literatura encontram-se resumidas em “Arquétipo”, poema de Fagundes Varela, perfil da persona literária de Byron, que inclui, além da figura lânguida do poeta, a fama de sua beleza, de seu gênio, seu ceticismo, seu culto da morte, da melancolia, a busca de refúgio em alguma forma de embriaguês:

#### Arquétipo

Ele era belo: na espaçosa fronte  
 O dedo do Senhor gravado havia  
 O sigilo do gênio; em seu caminho  
 O hino da manhã soava ainda  
 E os pássaros da selva gorjeando  
 Saudavam-lhe a passagem neste mundo.  
 Sim, era uma criança, e no entanto

Frio da morte lhe coava n'alma.  
O seu riso era triste como o inverno,  
Num clarão, nem um pálido lampejo  
Da mocidade o fogo revelavam.

Em nada acreditava; há muito tempo  
Que a idéia de Deus soprara d'alma  
Como das botas a poeira incômoda.  
O Evangelho era um livro de anedota,  
Beethoven torturava-lhe os ouvidos  
A poesia provocava o sono.

Muita donzela suspirou por ele,  
Muita beleza lhe dormiu nos braços,  
Mas frio como o gênio da descrença,  
Após um' hora de gozar maldito,  
Saciado as deixou, como o conviva  
A mesa do festim, - farto e cansado...  
(CAVALHEIRO, 1961, p. 18-19)

Esse interesse dos poetas românticos brasileiros pela figura e pela obra do poeta inglês manifesta-se de muitas formas. Em “Ideias íntimas”, Álvares de Azevedo afirma explicitamente: “junto do leito meus poetas dormem – Dante, A Bíblia, Shakespeare e Byron” (NEGRÃO, 1984, p. 70). Em **Espumas flutuantes**, além de traduções de poemas de Byron, Castro Alves inclui alusões fatos e personagens byronicos. “Uma Página da Escola Realista” (GOMES, 1971, p. 133) e “O Derradeiro Amor de Byron” (GOMES, 1971, p. 210) remetem a episódios biográficos, como a ligação do Lorde com a Condessa Guiccioli. “A Volta da Primavera” (GOMES, 1971, p.85) menciona Haydée, protagonista do livro-poema narrativo **Don Juan**. Referências semelhantes pontuam a obra de outros românticos brasileiros, como as epígrafes de Byron nos poemas de Gonçalves Dias, “A Tarde” e “Sonhos” (BANDEIRA, p. 12-17). A recorrência de tais epígrafes assinala uma rede de temas e atitudes dispersos por toda literatura romântica, identificando Byron como inegável encarnação do *mal du siècle*.

Nesse contexto, o sentimento de culpa, o anseio pela morte, o amor à natureza em seus aspectos sombrios, a auto-piedade, o hiper-individualismo, o interesse por temas orientais, a angústia existencial, o sentimento de rebeldia e o culto da liberdade, despontam quase indiscriminadamente entre os românticos. Contribuem para traçar o perfil do poeta como herói soberbo, maldito e errante, culpado de um pecado inominável. Em “Manfred” (1816-17) trata-se do incesto, provável alusão à notória paixão de Byron por sua meia-irmã, Aurora Leigh. No Brasil, o sentimento de culpa sulca os contos e poemas de Álvares de Azevedo. No famoso ensaio

“Amor e Medo”, Mário de Andrade (s/d, p. 217-222) discute também a fixação dos românticos brasileiros no amor da mãe e da irmã. Refere-se explicitamente ao tema do incesto, evidente no conto “Johann” de **Noite na taverna** de Álvares de Azevedo. Do mesmo autor, “Soneto da Mãe”, impregnado do sentimento de culpa e da intuição da morte iminente, refere-se à mãe e à irmã numa linguagem semelhante à dos amantes. Só Castro Alves, que Mário de Andrade considera, do ponto de vista sexual, o mais equilibrado dos românticos brasileiros, o “o mais sexuado do grupo” (ANDRADE, s/d, p. 218) parece escapar à excessiva ternura pela mãe e pela irmã. A associação entre o amor, o pecado e o remorso, embora sem a conotação de incesto, desponta em seu poema “O vôo do gênio”, dedicado à atriz Eugênia Câmara em **Espumas flutuantes**. Os românticos brasileiros, cujas mortes precoces sugerem a Mário de Andrade suicídios camuflados em “Amor e Medo”, parecem também concordar com a afirmação de São Paulo (**Romanos**, 6: 23): “o salário do pecado é a morte”. Ecoa frequentemente entre nossos românticos o grito de Byron em “Stanzas to the Po”: “It’s vain to struggle\_ let me perish young” (É inútil lutar – que eu morra jovem)<sup>1</sup>, epígrafe do poema de Álvares de Azevedo, “Saudades” (NEGRÃO, 1984, p. 52-53). Entre inúmeros exemplos semelhantes, Junqueira Freire assume como temas a figura do monge e a morte, à qual, no mesmo livro, dirige-se ternamente: “amiga morte, vem” (JUNQUEIRA FREIRE, 1943, p. 102). Lembra “Noturno”, de Varela, com três estrofes iniciados por apelos à morte: “Quero morrer!”, “Quero morrer!”, “Vem, ó morte!” (CAVALHEIRO, 1961, p. 67), ou o poema “Lembrança de Morrer”, de Álvares de Azevedo (NEGRÃO, 1984, p. 56-58). É ainda a morte que Casimiro de Abreu associa com a ideia da beleza e do consolo:

Que tem a morte de feia?  
 Branca virgem dos amores  
 Toucada de murchas flores,  
 Um longo sono me traz;  
 E o triste que em dor anseia  
 - Talvez morto de cansaço -  
 Vai dormir no seu regaço  
 Como num claustro de paz! (“No Leito”)  
 (ABREU, 2011)

Na mesma veia, no poema “Tristeza” (CAVALHEIRO, p. 34-38), Fagundes Varela proclama sua atração pelo cemitério, e pelas horas sombrias da noite, evocadas também por Junqueira Freire: “Gosto de vós, sombras da noite queda”

1 - Nesta e nas próximas citações a tradução é da autora.

(JUNQUEIRA FREIRE, 1943, p. 33). Essa atração pela noite evoca também a culto romântico à natureza, em seus aspectos sombrios e hostis. Em “Tristeza”, Varela proclama seu amor à tormenta, ao corisco, ao furor do vendaval. Em “O Mar” canta a “majestade bela e horrenda” do oceano destruidor, lembrando o Byron que, na persona de “Childe Harold” proclama sua preferência pela natureza em seus aspectos soturnos:

Oh, She's fairest in her features wild / É mais bela nos seus traços selvagens ( II, XXXVII)

O anseio romântico pela morte – tão vívido nos lúgubres contos de **Noite na taverna** de Álvares de Azevedo – harmoniza-se com a sensação de envelhecimento e a renúncia aos passatempos juvenis confessada em “Saudades” por Álvares de Azevedo, mal saído da adolescência:

Às primaveras digo adeus tão cedo  
E na idade do amor envelheci!  
(NEGRÃO, 1984, p. 53)

Não é muito diversa a exclamação de Byron:

But now at thirty years my hair is gray / Aos trinta anos estou grisalho\_  
I wonder what it will be like at forty? / Como estarei aos quarenta?  
(DON JUAN, 1958, I, CCXIII)

Na tentativa de esquivar-se ao intolerável *spleen*, os românticos brasileiros adotam o conselho de Don Juan sobre o culto dos prazeres sensuais como fuga ao sofrimento:

Let us have wine and women, mirth and laughter /Vinho e mulher,  
alegria e riso  
Sermons and soda water the day after. /Sermões e água tônica no  
dia seguinte.  
(DON JUAN, 1958, II, CLCCVIII)

Também servia ao escapismo o uso de drogas: charutos, cigarros, álcool, e, excepcionalmente, a cânfora. Pela boca de Don Juan, Byron declara:

Man, being reasonable, must get drunk;/Sendo racional, o homem  
deve beber;  
The best of life is but intoxication. /O melhor da vida é só a  
embriaguês.  
(DON JUAN, II, CLXXIX)

Nossos românticos seguem literalmente essa sugestão. Em “Autobiografia”, Junqueira Freire refere-se ao uso da cânfora, substância aromática, dissolvida na boca, simultaneamente com o saborear do charuto. Em “Terza Rima” (NEGRÃO, 1984, p. 78), Álvares de Azevedo proclama a função consoladora do fumo. É significativo o título “Spleen e Charutos”. Nessa série, o poema “Vagabundo” tem como epígrafe (NEGRÃO, 1984, p. 72) o verso de Byron em **Don Juan** (CCVII): “Eat, drink, and love; what can the rest avail us?” – Comer, beber, amar. De que nos vale o resto? – O escapismo romântico revela-se também no amor aos temas orientais, ostensivos em **Don Juan** e outros textos de Byron, e, entre os brasileiros, “Oriental”, de Fagundes Varela – Vozes da América – “Canção Oriental” de Junqueira Freire – Contradições Poéticas –, e “Visões” de Gonçalves Dias – em Primeiros Cantos.

O vulto do exilado solitário, condenado a vagar pela terra, aguilhoado por uma culpa misteriosa, assombra os poemas de Byron. Teatralmente encenada por ele próprio\_ especialmente após seu divórcio – a figura ressurgue em nossos românticos. O refrão de Fagundes Varela “O exilado está só por toda parte” ecoa “What exile from himself can flee?” – “Que exilado pode fugir de si mesmo? (BYRON, 1948, v. 2). De fato, o poeta não pode escapar a si próprio, pois é exatamente o que não deseja fazer. Seu individualismo reveste-se não raro de auto-piedade, como na lamuriosa pergunta de “Childe Harold” em I:

Why should I for others groan / Por que gemerei pelos outros  
When none will sigh for me? / Se ninguém vai suspirar por mim?  
(BYRON, 1942)

No mesmo tom, Casimiro de Abreu apelida sua alma de “pobrezinha” em “Minha alma é triste” (ABREU, 1958, p. 70), Álvares de Azevedo chama a si próprio de “pobre sonhador”( NEGRÃO, 1984, p. 95) , ou mesmo de “chorão” (NEGRÃO, 1984, P. 90), enquanto Castro Alves refere-se a si mesmo como “pobre órfão” em “Dedicatória”, **Espumas flutuantes** (GOMES, 1971, p. 67). Há de se notar, ainda, entre os traços byrônicos dispersos em nossa poesia a associação entre o imaginário romântico e a embriaguês da velocidade. Ela é representada por Mazeppa, o corcel celebrado por Byron e Victor Hugo. Castro Alves evoca esse animal quase mitológico:

Deus, que o Mazeppa nas estepes guia...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.  
(“A Manuel Pinheiro”, *Espumas Flutuantes*)  
(GOMES, 1971, p. 67)

Ecos semelhantes assombram “Meu Sonho”, em **Lira dos vinte anos**, “Visão” e “Vozes da América”, de Fagundes Varela e “O Poema do Frade”, de Álvares de Azevedo.

Tantas semelhanças não eliminam diferenças significativas. Fagundes Varela, Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu distinguem-se por rasgos estilísticos e temáticos próprios, contribuindo para uma composição polifônica modulada pelo jogo contrastante de consonâncias e dissonâncias. Assim, o conjunto de elementos que venho discutindo não autoriza definir Varela, Gonçalves Dias e Casimiro como poetas rigorosamente byrônicos. Reflete apenas o prestígio do autor de **Don Juan**, remanescente décadas após sua morte, e os traços que partilhou com outros românticos no panorama literário europeu.

Junqueira Freire e Álvares de Azevedo constituem um caso aparte, destacando-se por maiores afinidades com seu antecessor britânico. Do ponto de vista sócio-cultural, Junqueira Freire lembra a decadência da vida religiosa no Brasil em meados do século XIX, cuja turbulenta secularização parece ter precipitado o fechamento de seminários em 1855. O jovem beneditino baiano, morto aos vinte e dois anos, é o poeta da dúvida, da morte e do desespero. Sua criação evoca os matizes religiosos e filosóficos da obra de Byron. Nesse sentido, suas **Inspirações do claustro e Contradições poéticas** deixam transparecer um permanente conflito entre a exigência da liberdade intelectual e o terror do Deus ameaçador do Velho Testamento. “O Monge” reivindica o livre exercício da razão. Privado dessa liberdade, a voz poética sente-se “ente não-homem”, que, presa da blasfêmia e do desespero, dirige-se atrevidamente ao Filho de Deus, para denunciar a hipocrisia e o desespero, apontados no claustro por Junqueira Freire. Também o Cain de Byron revolta-se contra a exigência divina de renúncia à árvore do conhecimento. Da mesma forma seu Lúcifer atreve-se a encarar o rosto eterno – “eternal face” – do “tirano onipotente” – “omnipotent tyrant” –, desafiando-o a responder pelo existência do mal no mundo (BYRON, 1948, p. 125-140).

Entretanto, os ecos byrônicos rastreados até agora lembram apenas a voz do poeta ultra-romântico, ignorando sua outra face: a do legatário da poesia neo-clássica inglesa, que até hoje retém a admiração dos críticos. Falo do Byron das narrativas humorísticas em *ottava rima*, do poeta satírico que, com sua verve sardônica, esboçou um painel da sociedade européia da época. De um modo geral, essa outra voz, que destoa da poesia do *spleen*, passa despercebida na poesia brasileira. Nossos românticos, mesmo quando elegem um assunto semelhante, tratam-no de forma oposta. A propósito, veja-se a distância entre o “Beppo”, de Byron, e “O Pirata” de Gonçalves Dias, poemas narrativos sobre uma mesma



história, a de dois maridos que, após prolongada ausência, são considerados mortos pelas esposas. Voltando ao lar, encontram-nas desfrutando de novos amores. Num frenesi de dor e ciúme, o marido brasileiro, que, inicialmente planeja esfaquear o rival, renuncia à vingança e parte incógnito, para, qual exilado byrônico, nutrir na solidão a chaga secreta. A persona poética identifica-se com o marido infeliz, num texto pontuado por adjetivos sombrios e passionais. O contraste com “Beppo”, que exhibe a face do Byron satírico, não poderia ser mais flagrante. Transforma numa piada o que poderia ter sido uma história trágica: o marido esquecido torna-se amigo do amante da esposa, e os três vivem felizes para sempre, num cínico “ménage à trois”, oferecido pelo narrador como emblema satírico da sociedade inglesa.

Essa face de Byron desponta num único poeta brasileiro, Álvares de Azevedo, cuja poesia, refletindo a ambigüidade estilística de Byron, dialoga tanto com o Byron romântico quanto com o satírico, herdeiro da escola neo-clássica inglesa. A face gótico-romântica do poeta britânico, com seu desespero, seu sentimento de pecado, de solidão, bem como o prenúncio da morte precoce, reflete-se nos contos macabros de **Noite na taverna** e em parte da produção poética de Azevedo. O poema “12 de setembro”, IX, de **Lira dos vinte anos**, II, poderia exprimir o desespero e isolamento de Manfred. Por outro lado, **Lira dos vinte anos**, que inclui composições lamuriasas como “12 de setembro”(NEGRÃO, 1984, p. 90-96), lembrando alguns poemas de Byron, exhibe também traços humorísticos, numa paródia satírica do romantismo exacerbado do próprio autor. O poema “É Ela!”, “É Ela!”, “É Ela!”, “É Ela!”, “Ela” apresenta no primeiro quarteto a visão idealizada de uma amada pura e etérea. O texto prossegue com a exploração de elementos contrastantes, em que associações mitológicas chocam-se com os detalhes mais prosaicos. O último verso deságua num anticlímax: a musa etérea revela-se na verdade uma lavadeira, humilde serviçal do Brasil da época, eliminada de nosso horizonte cultural pela máquina de lavar. Ao contemplar-lhe o sono, a persona lírica encontra no seio da jovem uma folha de papel, que toma por uma carta de amor em versos, mas que logo se revela um simples rol de roupa suja. Assim termina o poema:

Afastei a janela, entrei medroso:  
 Palpitava-lhe o seio adormecido...  
 Fui beijá-la...roubei do seio dela  
 Um bilhete que estava ali metido...  
 .....  
 Oh! De certo...(pensei) é doce página  
 Onde a alma derramou gentis amores:

São versos dela...que amanhã decerto  
Ela me enviará cheios de flores...

.....  
É ela! É ela! Repeti tremendo,  
Mas cantou nesse instante uma coruja...  
Abri cioso a página secreta...

Oh! Meu Deus! Era um rol de roupa suja !

(NEGRÃO, 1984, p. 76-77)

As singelas quadrinhas do poeta brasileiro, arrematadas por um anticlímax no verso final, têm um efeito semelhante ao de “Don Juan”, quando narra o despertar amoroso do protagonista do longo poema satírico-narrativo de Byron. Tal qual a persona poética de “É ela”, Juan sonha com uma amada idealizada. Entretanto, o sonho termina bruscamente, com uma revelação nada poética: o adolescente apaixonado acaba faminto, pois, em seu devaneio, esqueceu a hora do jantar. Nesse poema Byron recorre à *ottava rima*, forma originalmente italiana, composta de oito versos hendecassílabos rimando *abababcc*. Na literatura inglesa dos séculos XVII e XVIII, a estrofe servia a poemas heróicos, mas, em “Beppo” (1818) e “Don Juan” (1819-1824), combinando elementos sérios e cômicos, Byron usou-a para satirizar o romantismo que, em outros textos, ele próprio cultivava. Traduzo livremente a estrofe 94 de “Don Juan”, I, XCIV:

He pored upon the leaves, and on the flowers ./ Inclinado sobre  
folhas e flores  
And heard a voice in all the winds; and then / Ouvia vozes em todos  
os ventos  
He thought of wood-nymphs and immortal bowers, / Pensava em  
ninfas e imortais amores  
And how the goddesses came down to men: / De deusas e de  
homens sempre atentos.  
He miss'd the pathway, he forgot the hours ./ Perdido no jardim,  
nem via a hora  
And when he look'd upon his watch again, / Só que enfim, no  
relógio a despertar  
He found how much old Time had been a winner / Viu que o tempo  
vencera, e que ele agora  
He also found that he had lost his dinner. / Também perdera a hora  
do jantar.

Visto pela crítica como o poeta “mais bem dotado” (BOSI, 1985, p. 121), “mais inteligente” (NEJAR, 2007, p. 71) de sua geração, Álvares de Azevedo não pôde realizar as promessas da produção juvenil. Morto aos vinte e dois anos, não atingiu o nível de realização de Byron. Destaca-se, contudo, como o mais byrônico

de nossos românticos, dada a ambigüidade temática e estilística, característica do predecessor inglês.

Dito isso, este trabalho ficaria incompleto se não sublinhasse, ainda que brevemente, as diferenças que distanciam de Byron os poetas românticos brasileiros. Mais interessantes que as semelhanças apontadas, as divergências conferem notas próprias à nossa literatura\_ especialmente no que diz respeito a sua relação com outra face do romantismo europeu, oposta a seu narcisismo sentimental: seu aspecto social, associado ao sonho de lutar pelo grande ideal da liberdade. Esse aspecto não está ausente da obra de Byron, como no épico “The Siege of Corinth” / “O Cerco de Corinto” (BYRON, 1948, p. 303-330). Entretanto, salta aos olhos um contraste com os românticos brasileiros. Em harmonia com seu contexto histórico-cultural, nossos poetas associaram seus sonhos libertários aos problemas concretos vividos pelo Brasil de seu tempo, notadamente às questões do índio e da escravidão. Os brasileiros afastam-se, assim, de Byron, cuja concepção de liberdade mostra-se genérica, abstrata e anárquica, ocasionalmente visível, por exemplo, em “Prometheus”, celebração do titã sacrificado por uma divindade tirânica. Cantor de uma liberdade abstrata, sem qualquer amor à pátria – objeto freqüente de sua sátira mordaz – Byron exilou-se voluntariamente e foi morrer na Grécia, sonhando libertá-la dos turcos. Nunca assinaria as “Canções de Exílio” de Gonçalves Dias ou de Casimiro de Abreu. Em testamento, chegou a determinar que sua filha Allegra, caso chegasse à idade adulta, só receberia a herança paterna se não casasse com um inglês. Pelo contrário, vários de nossos românticos se inspiraram no sentimento patriótico, no interesse pelas causas nacionais de seu tempo e pela consolidação de nossa identidade. Como o romance de Alencar, a obra dos poetas brasileiros lapidou os mitos fundadores da nação e do herói, sem esquecer os ideais políticos da classe média avançada de seu tempo. Em “A Confederação dos Tamoios” a *musa pedestris* de Gonçalves de Magalhães já se volta para a figura do índio, adotando a sua perspectiva, como assinala Bosi (1985). Paralelamente, Gonçalves Dias, primeiro grande poeta romântico brasileiro, transfigura o mito do bom selvagem, enquanto Fagundes Varela, entre os demais temas românticos, explora, em “Evangelho nas Selvas”, um indianismo que, diversamente do francês e do norte-americano, prende-se a uma raiz nacional. Como observa Carlos Nejar, endossando Capistrano de Abreu: nosso Indianismo “teve fundos racimos populares, jamais foi ‘flor exótica’” (NEJAR, 2007, p. 63).

Diferentes dos de Byron, por seu ardente patriotismo, textos de inspiração patriótica e libertária brotam de poemas como “Pedro Ivo”, de Álvares de Azevedo., enquanto outros bordejam os grandes temas políticos nacionais. Em

“Mauro”, Escravo”, Varela prenuncia os condoreiros. De Gonçalves Dias, parte um dos primeiros gritos pela abolição da escravidão. Entre todos, avulta, evidentemente, a figura de Castro Alves, cujo poema “A Maciel Pinheiro” evoca “o bardo errante”, “peregrino audaz” – alusão ao Byron político, e seu sonho de morrer pela libertação da Grécia.

Sobretudo, é necessário insistir que, em Castro Alves, o tom libertário responde a uma necessidade premente de seu país, à época mergulhado no pesadelo da escravidão. Coerente com essa realidade, o poeta proclama: “a nova Grécia quer um Byron novo”. Nesse verso o condoreiro explicita sua consciência das diferenças que o distanciavam do contexto byrônico. À nação brasileira interessava, sim, o ideal da liberdade da Grécia, mas de uma Grécia nova, da mesma forma que seu poeta buscava um Byron “novo”, com uma obra temática e estilisticamente diversa, talhada para as especificidades do contexto nacional.

Ao contrário dos brasileiros, Byron negligenciou as questões políticas de seu país. Quando as menciona, em vez de poemas épicos ou patrióticos, escreve textos sardônicos e satíricos. Fluindo noutra direção, a estréia de Castro Alves, coincidente com a crise do Brasil rural, coincide também com o crescimento dos ideais democráticos. Nos poemas mais conhecidos, “Vozes d’África” e “Navio Negroiro”, e em “Ode a Dois de Julho”, seu *epos* libertário explode em imagens grandiosas, inspiradas na natureza, na divindade, na história, em figuras bíblicas. Descortinam um espaço cósmico, associado aos céus, aos astros, ao oceano, a tufões e procelas, altitudes – o Himalaia, os Andes – águias e condores. Como assinala Bosi (1985), Castro Alves mostra-se também original ao afastar-se da tradicional fantasia romântica da volta ao campo. Filho da burguesia liberal, põe-se à postura de Byron, partidário do ludismo britânico, hostil ao advento das máquinas. Em contraste, o condoreiro entusiasma-se pela chegada da locomotiva, que “acorda o tigre no cerro/e espanta os caboclos nus. (“O livro e a América”).

Neste, como em tantos outros poemas, a diferença entre a nossa e a poesia de Byron opõe-se complementarmente a suas muitas semelhanças. Lidos em conjunto, os textos do poeta britânico e os dos românticos brasileiros configuram uma relação intertextual polifônica, entremeada de vozes ora convergentes ora dissonantes. Encontros e desencontros realçam as divergências de suas semelhanças: ao dialogar com vozes distantes, nossa criação literária deixa ouvir bem alto seu timbre nacional.

## Abstract

Analyzing the intertextual relationship between Byron’s poetry and that of the Brazilian romantics, the text ends up by focusing on Álvares de Azevedo, whose thematic and stylistic duality makes him the most Byronic

of our poets. On the other hand, from the perspective of their social and libertarian aspects, the text underlines the contrast between the works of the British author and those of the Brazilian poets.

Key words: Byron; Brazilian romantic poetry; Álvares de Azevedo; Romanticism and the treatment of social themes.

## Referências

ABREU, Casimiro José Marques de. “Minha alma é triste”. Primaveras. SOUSA DA SILVEIRA (Org.). **Poesia**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958, p. 68-71.

ABREU, Casimiro José Marques de. “No leito”. Disponível em <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 06 jan 2011.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. ”Saudades”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade ( Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 52-53.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio.”Lembrança de Morrer”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 56-58.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio.”Ideias Íntimas”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 58-70.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. **Noite na Taverna**. São Paulo: Editora Núcleo, 1996.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio.”Vagabundo”. Spleen e Charutos, III. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 72-74.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio.”Terza Rima”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 77.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “12 de Setembro”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 90-96.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “Meu Sonho”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p.84-85.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “12 de Setembro”. Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984. P. 90-96.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “É Ela!” É Ela!”É Ela!” É Ela!”É Ela!” Lira dos Vinte Anos. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 76-77.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “Soneto da Mãe”. Disponível em <<http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/azevedo.htm>>. Acesso em 10 jul 2009.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. ”Evangelho nas Selvas”. (Fragmentos). **Poesia**. NEGRÃO, Maria da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p.83-89.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “Pedro Ivo”. Poesias Diversas. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da José Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984, p. 104-109.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. “Poema do Frade”. Poesias Diversas. **Poesia**. NEGRÃO, Maria José da Trindade (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 1984.

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio. **Macário, Noites na taverna e Poemas malditos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

ALVES, Cilene. **O belo e o disforme: Álvares de Azevedo e a Ironia Romântica**. Deeps, 1998.

ANDRADE, Mário de. “Amor e Medo”. **Aspectos da literatura brasileira**, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, s/d, p. 199-229.

ARNOLD, Matthew. Stanzas from the Grande Chartreuse (1855) I.133. **The Oxford dictionary of quotations**, PARTINGTON, Angela (ed), revised fourth edition. Oxford, New York: Oxford University Press, 1996, p. 28, 21.

BARBOZA, Onédia Célia de Carvalho. **Byron no Brasil: Traduções**. Ática, 1975.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda. 3.ed., 1985.

BYRON, George Gordon, Lord. **Don Juan**. Leslie A. Marchand (ed) Boston: Riverside Editions, 1958.

BYRON, George Gordon, Lord. **Beppo: a Venetian story**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.1, p. 369-393.

BYRON, George Gordon, Lord. **Beppo**: uma história veneziana. Tradução de Paulo Henriques Britto. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Ltda, 1989.

BYRON, George Gordon, Lord. **The vision of judgment**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.1, p.463-490.

BYRON, George Gordon, Lord. **Childe Harold's pilgrimage**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.2, p. 1-146.

BYRON, George Gordon, Lord. **Manfred**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.2, p. 303-345.

BYRON, George Gordon, Lord. **The bride of Abydos**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.2, p.185-218.

BYRON, George Gordon, Lord. **Mazeppa**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.1, p. 395-417.

BYRON, George Gordon, Lord. **Cain**. London: M. M. Dent & Sons Ltda. s/d.

BYRON, George Gordon, Lord. **The siege of Corinth**. London: M. M. Dent & Sons Ltd., 1948, v.1, p. 303-330.

BYRON, George Gordon, Lord. **Stanzas to the Po**. Disponível em <<http://www.online-literature.com/byron/701>>. Acesso em 16 jul 2009.

BYRON, George Gordon, Lord. **Prometheus**. Disponível em <<http://www.poetry-archive.com/b/prometheus.html>>. Acesso em 17 jul 2009.

CANDIDO, Antônio. Literatura Comparada. **Revista brasileira de literatura comparada**. São Paulo, n.2, maio de 1994, p. 211-214.

CASTRO ALVES, Antônio de. Uma página da escola realista. Espumas flutuantes. **Antologia poética**. GOMES, Eugênio (Org). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/Companhia José Aguilar Editora, 1971, p. 133.

CASTRO ALVES, Antônio de. “O derradeiro amor de Byron”. Os escravos. **Antologia poética** GOMES, Eugênio (Org). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/Companhia José Aguilar Editora, 1971,p. 210.

CASTRO ALVES, Antônio de. “A volta da primavera”. Espumas flutuantes. **Antologia poética**. GOMES, Eugênio (Org). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/Companhia José Aguilar Editora, 1971, p. 85.

CASTRO ALVES, Antônio de. ”Pedro Ivo”. Espumas flutuantes. **Antologia poética**. GOMES, Eugênio (Org). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/Companhia José Aguilar Editora, 1971, p. 87-93.

CASTRO ALVES, Antônio de. "Dedicatória". Espumas flutuantes. **Antologia poética**. GOMES, Eugênio (Org). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/ Companhia José Aguilar Editora, 1971, p. 67.

CASTRO ALVES, Antônio de. "O fantasma e a canção". Espumas flutuantes. **Antologia poética**. GOMES, Eugênio (Org). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/Companhia José Aguilar Editora, 1971, p. 76-78.

CASTRO ALVES, Antônio de. "A Manuel Pinheiro". Disponível em <www.livrosgratis.net>, Acesso em 06 jan 2011.

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "Arquétipo". **Noturnas**. Poesia. Disponível em. <http://www.casadobruco.com.br/poesia/f/fagundes02.htm>>. Acesso em 06 jan 2011.

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "Tristeza". Disponível em <www.culturalivre.net>. Acesso em 06 jan 2011.

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "O Mar". Disponível em <www.revistaagulha.nom.br>. Acesso em 06 jan 2011.

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "O Exilado". Disponível em <artculturalbrasil.blogspot.com>. Acesso em 06 jan 2011.

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "Tristeza". Vozes da América. **Poesia**. CAVALHEIRO, Edgar. (Org). Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961, p. 34-38.

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "Noturno". Cantos meridionais. **Poesia**. CAVALHEIRO, Edgar. (Org). Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961, p.66-68)

FAGUNDES VARELA, Luis Nicolau Fagundes. "Elegia". Poesias avulsas. **Poesia**. CAVALHEIRO, Edgar. (Org). Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961, p. 93-96.

GONÇALVES DIAS, Antônio. "A tarde". **Poesia**. Manuel Bandeira (Org). Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1983, p. 12-17.

JUNQUEIRA FREIRE, Luis José. "Prólogo". Inspirações do claustro. **Obras Poéticas**. São Paulo: Edições Cultura, 1943, p. 11-20.

JUNQUEIRA FREIRE, Luis José. "Meditação". Inspirações do claustro. **Obras Poéticas**. São Paulo: Edições Cultura, 1943, p. 33.

JUNQUEIRA FREIRE, Luis José. "Morte". Inspirações do claustro. **Obras Poéticas**. São Paulo: Edições Cultura, 1943, p. 102-105.



JUNQUEIRA FREIRE, Luis José. "O Monge". Inspirações do claustro. **Obras Poéticas**. São Paulo: Edições Cultura, 1943, p. 132-149.

JUNQUEIRA FREIRE, Luis José. "Autobiografia". Disponível em <[www.portalsaofrancisco.com.br](http://www.portalsaofrancisco.com.br)>. Acesso em 06 jan 2011.

NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira**: Da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul, Telos, 2007.